

 [Imprimir](#)  [Comentários\(0\)](#)  [Enviar por Email](#) Tamanho da fonte : **A+** / **A-**  [RSS](#)

Não haverá uma reflexão aprofundada sobre o modelo

Anuncia-se uma temporada de chutes, caneladas e pontapés

Sociólogo e cientista político - paula@arkoadvice.com.br

A disputa eleitoral brasileira tem uma característica: a ausência de embate de ideias. Considerando que o modelo vigente é o aceito pelo mundo político, não existe um embate de ideias e programas.

Todos são a favor de programas assistenciais, de alguma intervenção na economia, de elevada carga tributária, de políticas industriais e de empresas estatais. O debate ideológico ocorre na franja da política nacional. Notadamente na esquerda radical, composta de microlegendas (PSTU, PCO e PSOL). Na direita, o debate é rarefeito e praticado por algumas poucas figuras. Nenhum partido assume posturas de direita.

O que sobra é uma extensa centro-esquerda, cujas fronteiras se iniciam no PTB e vão até o PCdoB. E incluem PP, DEM, PMDB, PSDB, PPS, PV, PT, PDT e PSB. Sem debate de ideias e programas, o que sobra é uma resenha de ataques, fofocas e escaramuças jurídicas.

Na semana passada, declarações duras e mal-educadas se misturaram com o início da guerrilha jurídica eleitoral nos tribunais. Os eventos deram a tônica do que poderá ser o debate eleitoral deste ano. Uma espécie de bateu, levou dos tempos de Fernando Collor.

Até mesmo pelo fato incontestante de que o modelo vigente é amplamente aprovado pela população e não existe, ao que parece, cansaço do eleitorado com relação às políticas públicas.

Tal situação pode indicar que a trilha eleitoral não deverá passar pelo questionamento do modelo. Mas sim pela capacidade de fazer mais e melhor, pelos efeitos colaterais de um eventual escândalo e, ainda, por ataques pessoais e reflexões sobre temas como carisma e transferência de votos. Porém, isso não é tudo. Curiosamente, não vemos uma reflexão aprofundada sobre outros aspectos importantes: máquina estatal federal; máquina estatal estadual; papel da mídia eletrônica e os palanques estaduais. Nesses quesitos, a balança pende para o governo.

A única dúvida é com relação à mídia eletrônica. Em 2006, as redes de televisão pouparam Lula dos efeitos mais nocivos do mensalão. Apesar de o PT achar que não, a situação de Lula poderia ter sido muito pior se os ataques fossem centrados no presidente. Ficou ruim, apenas, quando ele deixou de ir à Rede Globo para um debate e, ainda, por conta da explosão do escândalo dos aloprados.

Agora, no início de 2010, a relação do governo com a grande mídia eletrônica não é boa. Duas iniciativas turvaram as relações: as propostas da Conferência Nacional das Comunicações e o Plano Nacional de Direitos Humanos. Em ambas se encontram propostas que desagradaram a mídia de forma bastante aguda. E acenaram com o espectro de uma "cubanização". Lula, Serra e Dilma - os três principais protagonistas da campanha - devem refletir muito sobre como se relacionar com a mídia.

De longe, Lula é o melhor. Mas está fora da disputa. Dilma ainda não encontrou o tom e Serra também está em busca de como se posicionar melhor. Coincidentemente, ambos os grupos reclamam da mídia. Figuras próximas de Serra dizem que a mídia "se vendeu" para o governo e, do lado do governo, parece existir uma imensa mágoa com os grandes grupos de comunicação.

Toda a retórica aqui empregada prova que o debate eleitoral estará posto a partir de alianças, capacidade de comunicação e de se relacionar bem com a mídia e a ocorrência de eventuais escândalos. Infelizmente, não haverá uma reflexão aprofundada sobre o modelo. A falta de divergências programáticas e ideológicas pode ser o prenúncio de uma temporada de chutes, caneladas e pontapés.



Publicado em: 27/01/2010

 [Imprimir](#)  [Comentários\(0\)](#)  [Enviar por Email](#) Tamanho da fonte : **A+** / **A-**  [RSS](#)

Outras edições